

CORREÇÃO DE ESTENOSE URETRAL APÓS URETROSTOMIA EM GATO – RELATO DE CASO

Elisângela Barboza Silva¹
Ana Manuella Souza Babo²
Janaína Maria Xavier Corrêa³
Mário Sérgio Lima Lavor¹

RESUMO

A doença do trato urinário inferior dos felinos, DTUIF, acomete gatos e tem como sinais clínicos disúria, hematuria e polaciúria. Tais sinais podem estar relacionados a obstrução uretral parcial ou total. Machos tem maior predisposição do que as fêmeas por possuírem a uretra peniana mais estreita, a idade de maior ocorrência é entre dois e seis anos, e ainda animais castrados são mais susceptíveis a desenvolver a doença. Nestes casos a indicação é a desobstrução por meio de cateterização da uretra peniana sob anestesia geral. Em casos recorrentes deve-se indicar a cirurgia de uretostomia. Este procedimento cirúrgico tem o objetivo de criar uma fístula ligando diretamente a uretra e a pele. O resultado pós-cirúrgico é excelente evitando novas obstruções, mas também é passível de complicações como estenose que ocorre devido ao processo de retração cicatricial, mas pode ser excessiva por falta de cuidados pós-operatórios. Este relato tem o objetivo de descrever um caso de estenose após a uretostomia em um gato que apresentou complicações pós-operatórias e a nova cirurgia para refazer a fístula.

Palavras-chave: obstrução uretral, DTUIF, felinos, cirurgia reconstrutiva.

STENOSIS URETHRAL CORRECTION AFTER URETHROSTOMY SURGERY IN A CAT – CASE REPORT

ABSTRACT

Feline disease of inferior urinary tract affects cats and its clinical signs are dysuria, hematuria and pollakiuria. This signs are related a parcial or total urethral obstruction. Males have more predisposition than females because their penile urethra are thin. Cats between two and six years old and castrated animals are more susceptible to developing the disease. In this cases is indicated the opening with aid of a probe under general anesthesia. In obstruction recurring cases it should be point a perineal urethrostomy surgery. This objective surgery is create a fistula between the urethra and the skin. The post-operative result are excellent and avoid new obstructions, but can have complications such as stenosis. The stenosis is a normal fact in a healing process, but can be excessive when the lack of care in the post-operative period that allow the animal stir in the wound before the complete healing. This case report presents a urethral stenosis after the urethrostomy surgery in a cat and your treatment.

Keywords: urethral obstruction, feline, reconstructive surgery.

¹ Professor(a) Adjunto(a), Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais. Universidade Estadual de Santa Cruz. Contato principal para correspondência.

² Médica veterinária autônoma.

³ Aluna do Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal. Universidade Estadual de Santa Cruz.

CORRECCIÓN DE ESTENOSE URETRAL DESPUÉS DE URETROSTOMIA EN GATO – RELATO DE CASO

RESUMEN

La enfermedad del trato urinário inferior de los felinos acomete gatos y tiene como señales clínicas disúria, hematuria y polaciúria. Tales señales pueden estar relacionados a La obstrucción uretral parcial o total. Machos tienen mayor predisposición que las hembras por tener la uretra peniana más estrecha, la edad de mayor ocurrencia es entre dos y seis años, y aún animales castrados son más susceptibles a desarrollar la enfermedad. En estos casos la indicación es la desobstrucción por medio de cateterización de la uretra peniana bajo anestesia general. En casos recurrentes se debe indicar la cirugía de uretrotomía. Este procedimiento tiene el objetivo de crear una fístula conectando directamente la uretra y la piel. El resultado post quirúrgico es excelente evitando nuevas obstrucciones, pero también es posible de complicaciones como estenosis que ocurre debido al proceso de retracción cicatricial, pero puede ser excesiva por falta de cuidados post operatorios. Este relato tiene el objetivo de describir un caso de estenosis después de la uretrotomía en un gato que presentó complicaciones post operatorias y la nueva cirugía para rehacer la fístula.

Palabras clave: obstrucción uretral, felinos, cirugía reconstructiva.

INTRODUÇÃO

Os distúrbios no trato urinário inferior de felinos (DTUIF) são caracterizados por hematuria, disúria, polaciúria, com ou sem obstrução uretral (1).

Os machos entre dois e seis anos são mais predispostos devido à idade e anatomia da sua uretra. A castração também é um fator de risco, pois leva à obesidade e diminuição da atividade física do animal (2).

Os procedimentos para alívio da obstrução são sondagem uretral sob anestesia. O tratamento cirúrgico é recomendado nos casos de recidiva das obstruções e estenose iatrogênicas (3).

Para isso, utiliza-se a técnica de uretrotomia perineal com penectomia, descrita por Wilson e Harrison, e suas modificações (4-7). Este procedimento diminui significativamente a incidência de constrição pós-operatória e cistite bacteriana (7).

As principais complicações da uretrotomia perineal são hemorragias, estenoses, cistites e deiscências. Um estudo mostrou estenose em torno de 12% dos animais avaliados e os autores ressaltam que a experiência do cirurgião e a delicadeza da execução da técnica podem ter relação com o baixo índice de estenose pós-cirúrgica e o sucesso do procedimento (8).

Quando ocorre este tipo de complicação, a cirurgia de reparo da uretrotomia deve ser refeita o quanto antes para evitar alterações renais e metabólicas no animal, visto que o quadro de obstrução e retenção urinária novamente se instala. Este trabalho tem o objetivo de descrever o caso de um gato com estenose uretral após uretrotomia perineal e que foi submetido a um novo procedimento para reabertura da fístula uretral.

RELATO DE CASO

Foi atendido no Hospital Veterinário da Universidade Estadual de Santa Cruz, um gato macho Siamês de três anos, castrado. O animal apresentava histórico de realização de uretrotomia perineal, após três episódios de obstrução. Cinco meses após a cirurgia, o animal

começou a apresentar dificuldade de micção, polaciúria, distensão e dores abdominais, anorexia e prostração causados pela estenose da uretrostomia.

Sob anestesia geral, o animal foi sondado primeiramente com um catéter n. 22 para, em seguida, ser possível introduzir uma sonda uretral n. 04. Com isso, a bexiga foi esvaziada e lavada com solução fisiológica. O gato foi então liberado e mantido sondado até o dia da cirurgia (Figura 1).

No dia da cirurgia a proprietária relatou que o animal havia voltado a se alimentar, estava mais ativo e estava conseguindo urinar via sonda. Os exames pré-operatórios como hemograma e bioquímicos estavam normais. Para o procedimento cirúrgico, o animal foi pré-medicado com associação de morfina (0,3 mg/kg), midazolam (0,2 mg/Kg) e cetamina (5 mg/kg), via intramuscular, induzido com 3 mg/kg de propofol e mantido sob anestesia geral inalatória com isoflurano em 100% de oxigênio (200 ml/kg/min) por meio de um sistema sem reinalação (Baraka).

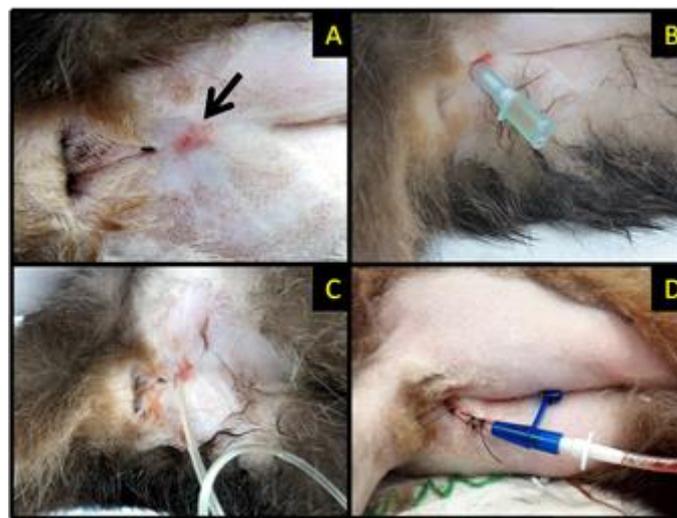


Figura 1: Imagem da região perineal de um felino macho após estenose de uma uretrostomia. Em A: pequeno orifício remanescente da uretrostomia (seta). B: sondagem realizada com o auxílio de um catéter endovenoso 22G. C: passagem da sonda após a abertura do orifício feita com o catéter. D: fixação da sonda na pele com pontos simples separados e fio Náilon 2-0.

Após estabilização anestésica do paciente e seu posicionamento na mesa, aplicou-se uma sutura em bolsa de fumo com fio inabsorvível sintético 2-0 ao redor do ânus para evitar contaminação do campo cirúrgico durante o procedimento. Iniciou-se a criação de uma nova uretrostomia com uma incisão retangular em torno do orifício uretral sondado (figura 2A). Promoveu-se a divulsão do tecido subcutâneo e muscular ao redor da uretra remanescente, sempre tracionando-a. Em seguida, uma tesoura foi inserida na pequena abertura uretral prolongando a incisão para uma nova uretrostomia (figura 2B). A nova sutura envolvendo a mucosa uretral e a pele foi feita com pontos padrão simples separado e fio de náilon 2-0 (figura 2C, 2D e figura 3A).

Em seguida, a vesícula urinária foi comprimida para esvaziamento o que ocorreu pela nova fístula, sem dificuldade ou obstrução. A sutura ao redor do ânus também foi removida após o término da cirurgia.

No pós-operatório o animal foi medicado com enrofloxacina na dose de 5mg/kg uma vez ao dia por 10 dias, e meloxicam 0,1mg/kg uma vez ao dia por 4 dias. Foi exigido que o animal usasse o colar elisabetano até a retirada dos pontos.

Após 13 dias, a cicatrização estava completa (figura 3B). A proprietária relatou melhora progressiva do animal, e a resolução do quadro de disúria e polaciúria.

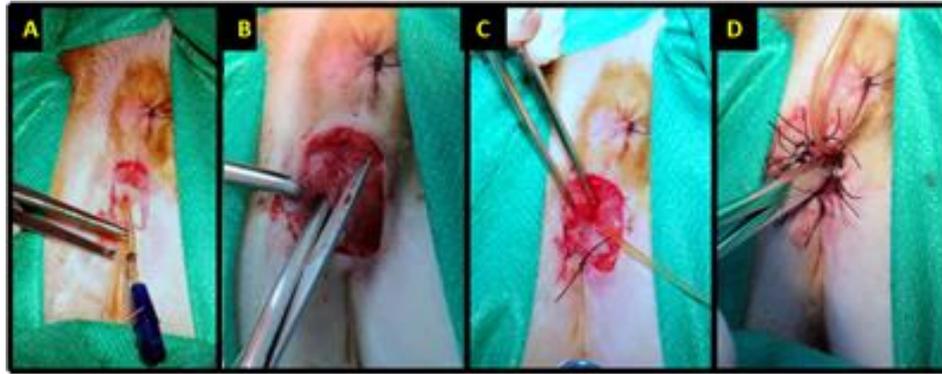


Figura 2: Imagens do transoperatório para a abertura de uma nova uretrostomia em um gato macho. Em A: incisão retangular ao redor do orifício estenosado sondado. B: inserção de uma tesoura de metzembraum na uretra e ampliação da incisão. C: início da fixação da mucosa uretral na pele com pontos simples separados e fio de náilon 2-0. D: Uretrostomia após o término da sutura, notar o diâmetro da nova fistula.



Figura 3: Imagem da região perineal de um gato macho após a nova cirurgia de uretrostomia. Em A: Uretrostomia no pós operatório imediato. B: Uretrostomia treze dias após a cirurgia, na seta a nova fistula.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Embora a urterostomia perineal tenha um baixo índice de estenose (8,9,10) a técnica e a habilidade no primeiro procedimento são importantes para evitar esse tipo de complicação (8).

Os cuidados pós-operatórios como o uso do colar elisabetano (10) evitam que o animal tenha acesso à ferida evitando inflamações prolongadas e até uma retração exagerada. O animal em questão possuía um histórico de ter removido o colar e os pontos após a primeira cirurgia, fato que não ocorreu depois da segunda intervenção, já que o animal retornou com a ferida totalmente cicatrizada e com todos os pontos.

A estenose após a uretrostomia é uma possível complicação, que pode comprometer a saúde do paciente, mas é passível de ser evitada promovendo-se uma grande fístula no momento da primeira cirurgia. Por isso, no primeiro procedimento deve-se ressaltar que a retração cicatricial sempre ocorre e que a realização de um segundo procedimento, além de mais difícil pela perda da anatomia local, oferece mais risco para o animal que chega debilitado para o procedimento.

Com este caso, pode-se concluir que o sucesso da uretrostomia perineal em gatos depende de vários fatores, dentre eles a habilidade e a técnica do cirurgião bem como a importância dos cuidados pós-operatórios.

REFERÊNCIAS

1. Balbinot ZDP, Viana JA, Bevilaqua PD, Silva PSA. Distúrbios urinários do trato inferior de felinos: caracterização de prevalência e estudos de casos-controle em felinos no período de 1994 a 2004. *Rev Ceres*. 2006;310:653-61.
2. Nelson WR, Couto GC. *Medicina interna de pequenos animais*. Rio de Janeiro: Elsevier; 2010.
3. Lima RE, Reis JC, Almeida EL, Teixeira MN, Rego EW, Carneiro AS, et al. Avaliação clínica e laboratorial em gatos domésticos com doença do trato urinário inferior submetidos a uretrostomia. *Cienc Vet Trop*. 2007;10:62-73.
4. Buffington TCA, Chew DJ, Dibartola SP. Doenças do trato urinário inferior em gatos. In: Slatter D. *Manual de cirurgia dos pequenos animais*. 3a ed. São Paulo: Manole; 2007. p.1651-60.
5. Oliveira JLP. Uretrostomia perineal em felinos: revisão. *Clin Vet*. 1999;4:38-42.
6. Corgozinho BK, Souza MJH. Conduitas na desobstrução uretral. In: Souza MJH. *Coletâneas em medicina e cirurgia felina*. Rio de Janeiro: LF Livros; 2003.
7. Bjorling DE. Uretra. In: Slatter D. *Manual de cirurgia de pequenos animais*. 3a ed. São Paulo: Manole; 2007. p.1638-50.
8. Bass M, Howard J, Gerber B. Retrospective studies of indications for and outcome of perineal urethrostomy in cats. *J Small Anim Pract*. 2005;5:227-31.
9. Smith CW, Weigel RM, Smith AR. Perineal urethrostomy in cat. *Feline Pract*. 1991;3:20-3.
10. Corgozinho KB. Avaliação clínica dos gatos submetidos à técnica de uretrostomia perineal [dissertação]. Seropédica: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; 2006.

Recebido em: 21/08/2016

Aceito em: 11/08/2017